

TÍTULO:

“No meio da crônica tinha um caminho, tinha um caminho no meio da crônica”.

Ou então:

Caetano, Fernando, Gil, Carlos, Milton, William... e “um Monte” de gente !

Já se falou “um Monte” sobre ele. Ah! Faz mal não. Mas juro que não vou repetir o lenga-lenga da falta que ele nos faz, ... em especial aos sábados. Nem dizer que ele *“deixa a rua deserta (a Dom Joaquim, do Flórida Bar) quando atravessa e não olha (mais) pra trás”*... onde veria na calçada ensolarada da livraria Ao Livro Técnico alguns comensais do Clube do Bode: Sérgio, Mônica, Lucio, Aldifax, Ubiratan, Falção e outros.

Conhecia-o mais pelo canto superior esquerdo do Vida & Arte do que pessoalmente. Sua identidade bairrista, sempre de top-less nas crônicas, retirava-lhe o direito linguístico-constitucional de heterônimos, posto que era um fingidor, *“fingia tão completamente/ que chegava a fingir que era amor/ o amor que deveras sentia”*.

O talento, se não lhe cabia na goela (“intertido por direito numa loira”, estupidamente), escapava-lhe pelos dedos na fluidez de uma pena enamorada por uma cidade, que se queria bela e faceira. Certa feita, escreveu uma crônica sobre não ter assunto para escrever naquele dia. “Um Monte” de crônicas, todo dia, durante 10 anos! Sempre me impressionou essa sua vontade que não se contentava com pouco, este jeito danado de menino de Iracema *“que Deus deu, que Deus dá”*.

Achei-o a própria crônica, “casada e cuspidá”, ao encontrá-lo pela primeira vez quando saía da saudosa “hora do pobre” do Presidente Vargas. O Vovô de Porangabussu festejava-se tri-campeão naquela tarde com um gol “volibolístico” (dizem os torcedores do Tricolor de Aço) do maior craque alvinegro de todos os tempos, Gildo (gol imitado por um tal de Maradona, anos depois). Lá estava ele, o poeta-cronista, lá acolá, na divisa entre o Reino Unido do Jardim América e o Condado da Gentilândia, sentado à mesa embaixo da árvore, entre acordes dos pássaros solidários e um sol se esvaindo, mais precisamente em frente ao Bar do Chaguinha, a melhor panelada de Fortaleza e (se pernambucana fosse) do *“mundo, vasto mundo... se eu me chamasse Airton, seria “um Monte” de crônicas, não seria uma solução”*.

Como os holísticos da Praça do Ferreira, versão Maia da turma que um dia vaiou o sol, afirmam que o mundo acaba agora em dezembro (mas continuam economizando pro réveillon) e que coincidência é coisa do “bode loiô”, lembro-me de ter citado Airton Monte no artigo “Ao gosto de todos” (O POVO, 14/08/12), sobre o Augusto Ponte (poeta da mesma tribo). Até então, não tinha me dado ciência de que ele, antes de nós, nesta única certeza que nos acomete a todos nós, nos *“mandaria notícias do lado de lá/ diz quem fica... coisa que gosto é poder partir sem ter planos”*.

“No meio da crônica tinha um caminho. Tinha um caminho no meio da crônica !”.

Já que a utopia serve pra caminhar, oxalá os Augustos e Airtons, que nós, prepotentes terráqueos de meia tigela, temos o privilégio de esbarrar em meio a nosso caminho, nos seduzam a um melhor trato com o tempo. Quantas amizades se diminuem pela vaidade do ser? Quantos momentos felizes se esvaem pela vaidade do ter? Quantos amores se perdem pelo *“ter ou não ser ... eis a confusão”*.

Cuidar melhor do tempo, este indelével e indisfarçável companheiro, cuidar de nossos amigos e ter sempre por perto “um Monte” deles. Foi o que nos aprendeu, diariamente, Airton Monte.

Valeu, poeta!

Mauro Oliveira

Mauro.oliveria@fortalnet.com.br

Sócio atleta (mensalidade atrasada) do Clube do Bode